

Lusa-02-12-2009 21:20:09

Bachelet defende maior participação feminina na política



Lisboa, 2 dez (Lusa) - A presidente chilena, Michelle Bachelet, criticou nesta quarta-feira, na conferência que realizou na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, que a política continue não atraindo muitas mulheres, e reconheceu que a participação das chilenas se mantém abaixo do desejável.

Bachelet, que conclui nesta quarta sua visita oficial a Portugal, aceitou o convite da organização feminista União de Mulheres Alternativa e Resposta (Umar) para proferir uma conferência com o tema "Gênero e participação política: a experiência do Chile".

Bem humorada, a chefe de Estado chilena lamentou que tenha havido apenas 19% de candidatas às últimas eleições municipais e destacou que existem "só 12 senadoras e 18 deputadas" no Chile, "o que levou 40 anos a ser conseguido".

"Não há entusiasmo por uma lei de cotas", admitiu Bachelet, que ressaltou que "não bastam cotas, há que encontrar um mecanismo para as tornar eficazes".

O gabinete da presidente é paritário, porque ela acha que as mulheres e os homens "são muito diferentes, mas têm igualdade de talentos e habilidades, distintos e complementares".

Sobre si mesma, Bachelet diz que é "flexível" e "tenaz" e que vai continuar a lutar pela igualdade, dentro ou fora do poder.

"Ter mais mulheres [em todas as esferas de poder] é ter um país mais bem representado", afirma. A governante fez até uma comparação com o futebol, já que a seleção chilena está classificada para a Copa do Mundo da África do Sul: "Teríamos possibilidade de ganhar com metade da seleção?".

Discriminação

A chefe de Estado está "otimista" quanto ao futuro, mas não deixa de lembrar que o mundo está perdendo "muito" com a "discriminação" e que os progressos avançam "lentamente". "Apesar de tudo, estou convencida de que o que avançamos é irreversível e não vamos voltar ao statu quo", ressaltou.

O que importa é que "os custos da crise" não sejam "pagos pelos mais vulneráveis" e "os mais vulneráveis entre os mais vulneráveis são as mulheres", disse.

Sobre as chilenas, que já são 51% da população, Bachelet diz que "votam mais e se absterem menos" e que ainda são muito discriminadas no mercado de trabalho – apenas 40% são remuneradas.

Sobre as mulheres em geral, diz que "são prudentes e cautelosas" e que "planejam melhor - ou bem, para que ninguém se ofenda". Ela citou estudos que indicam que uma

maior presença feminina na direção de empresas diminui a queda em bolsa.

Apesar disso, o percentual de mulheres nestas funções estagnou, em nível global, nos 15%. "Quanto dinheiro, não estaremos a perder por não termos uma percentagem mais alta?", questionou.

Ministra da Saúde primeiro e da Defesa depois - "só aí, nessa área vinculada ao poder, me viram como possível presidente" -, Bachelet garante que vai continuar se reunindo com mulheres, mas disse esperar que por "novas causas" que não a igualdade.

Ela mantém a confiança no lema "incluir para crescer e crescer para incluir", sempre com a consciência de que a batalha pela igualdade está "pendente".

E deixou a promessa de contar em um livro de memórias o que é estar no poder em um país tradicionalmente machista, mas onde, como em muitos outros, "as mulheres são mais duras de matar".